



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após discurso na sede da Organização das Nações Unidas - ONU

Nova Iorque - EUA, 25 de setembro de 2007

Presidente: A conversa que eu tive com o presidente Bush foi uma conversa promissora com relação à perspectiva de um acordo na Rodada de Doha. Os Estados Unidos estão, definitivamente, com a disposição de flexibilizar os subsídios para que se tenha um acordo, e isso é muito importante. Tive uma conversa com o presidente Sarkozy e ele está totalmente engajado na luta pela reforma das Nações Unidas, na luta pela mudança do procedimento e da forma de funcionamento do G-8, e tem, no Brasil, um parceiro estratégico.

Ao mesmo tempo, eu penso que nós estamos confluindo para um momento político importante, tanto para fechar o acordo da Rodada de Doha, quanto para a gente apressar a reforma das Nações Unidas. Esses são os dois assuntos que eu acho que interessam aos defensores do multilateralismo, interessam aos defensores de um comércio realmente livre, em que os países mais pobres tenham a possibilidade de ter acesso ao mercado dos países mais ricos.

Portanto, eu acho que foi uma coisa extremamente importante, e nós aproveitamos e fizemos a proposta de que se repita no Brasil, em 2012, o que aconteceu em 1992. Fazer a Rio+20, ou seja, tentar fazer uma grande reunião sobre a questão ambiental no Brasil, um evento que seja grande, para que a gente discuta com a seriedade que o assunto precisa ser discutido. Eu acho que há um clima.

Ontem à noite eu participei de um jantar, a convite do Secretário-Geral das Nações Unidas, e estavam lá presentes o presidente Bush, a primeira-ministra Angela Merkel, o Sarkozy, o Zapatero, o Sócrates, vários presidentes



dos países africanos, o Presidente da Indonésia, o Primeiro-Ministro da Itália. Eu acho que foi extremamente importante, porque é a primeira vez que a questão ambiental é discutida num nível político, ou seja, não apenas num nível técnico. Os presidentes estão se convencendo de que discutir essa questão ambiental e discutir a questão do clima é uma necessidade dos Estados discutirem. Nós vamos ter que discutir, e sempre será uma discussão difícil, um novo padrão de desenvolvimento, um novo padrão de consumo, que são... não é tão difícil, afinal de contas, quando o gás ganha a atmosfera, ele não fica dentro das fronteiras de cada país, ele passa a ser um problema do mundo inteiro.

Mas, de qualquer forma, eu fico satisfeito, porque os presidentes estão convencidos da necessidade de discutir. Esse é um fato novo na política ambiental, e eu acho que é um tento a ONU ter feito o que fez.

Jornalista: Presidente, na Rodada de Doha, o presidente Bush ofereceu a diminuição de subsídios. O que ele exigiu do Brasil ou pediu ao Brasil em troca?

Presidente: Tem um tripé de desejos e de aspirações que está na mesa de negociação, avançando. A cada dia que passa, a cada reunião, cada vez que o Celso vai a Genebra, a gente avança um milímetro. Ou seja, o que é? Os países mais pobres querem ter acesso ao mercado agrícola europeu, os europeus querem que o Brasil e o G-20 flexibilizem nos produtos industriais, Brasil e Estados Unidos querem, também, que o acesso ao mercado agrícola europeu seja mais flexibilizado, e todos querem que o Brasil flexibilize os produtos industriais. Obviamente que nós temos que chegar a um número. Esse número está caminhando. Acho que já houve uma inflexão, já houve uma mudança de comportamento do presidente Bush. Eu sinto que a Europa está mais flexível, há mais disposição de conversar sobre os números e o Brasil tem



os seus parceiros, tem a Índia, tem a China, tem a África do Sul, tem a Argentina, tem o México, e nós também precisamos começar a mexer com os nossos números. Agora, tudo isso será feito como se estivéssemos, eu diria, numa mesa de negociação, e os números só serão apresentados na medida em que cada um for apresentando o seu número, porque o número colocado se não muda mais.

Jornalista: Se chegar no 13 vai dar para negociar?

Presidente: Eu estou otimista, vai dar para negociar. O que eu posso dizer para vocês, sem citar números, é o seguinte: nós estamos mais perto de uma negociação do que em qualquer outro momento histórico. Vai ter ainda um pouquinho de dificuldade, porque ninguém quer ceder.

Jornalista: Presidente, o jornal Financial Times, na edição de hoje, disse que o Congresso, de maioria democrata, aqui, em Washington, está muito cético sobre a possibilidade de um acordo e que esse acordo só seria negociado pela Hillary Clinton.

Presidente: Eu espero que o acordo não espere as eleições americanas. Aliás, o mundo não pode esperar as eleições americanas para que a gente faça o acordo. Daqui a pouco você vai dizer que o Brasil não fará acordo porque o Congresso não tem uma maioria favorável ao acordo. Não é possível. Eu estou convencido de que o povo americano e o governo americano sabem que o mundo precisa desse acordo, e sabem que todos nós precisamos fazer os nossos gestos. Essa é a nossa disposição e é por isso que eu estou mais otimista. Eu estou convencido de que ainda neste ano nós poderemos fechar, tranqüilamente, esse acordo, para a felicidade de todos nós.



Jornalista: Presidente, desculpe-me perguntar do Walfrido, Presidente...

Presidente: Eu estou aqui, como é que eu estou sabendo? Você me conte você dele.

Jornalista: Mas o senhor falou com ele ontem.

Presidente: Então, deixe-me perguntar para ele: como está o Walfrido?